

Pão Nosso . . .

Porto, 21 de Setembro de 1910.

N.º 22

SUMARIO:

- I—DIGNO PAR. . .
- II—NAQUELLE TEMPO. . .
- III—A BRECHA DA PORTA PIA.
- IV—UM FIM DE RAÇA.

Digno par. . .

A agua de Juventa. — Decreto de 31 de janeiro. — Malheiro Reimão na camara dos pares. — Feira franca.

Si on avait assez de fonds pour acheter toutes les consciences qui sont à vendre, les acheter ce qu'elles valent et les revendre ce qu'elles s'estiment, ça serait, ça, une belle affaire.

Gavarni.

Tradução:— Houvera alguém de capitaes bastantes para comprar todas as consciencias á venda; mercá-las pelo que valem, e vendê-las ao preço em que a si proprias se avaliam—isso, sim!—isso é que era negociarrão d'estarrecer.

Em tempos de mais verdes enganos, certos factos vesgos da politica portugêsa aticçavam-me indignações temporans. Ao de

pois a repetição das scenas deitou-me o cabresto do habito. Já hoje me não assaltam angustias vomitivas. Já se me esbaldiu a veia das apostrofes virulentas. Vou encofrando casos com o automatismo do disco fonografico que recebe diluvios d'impresões sonoras.

Em cujo proposito registei a carta regia nomeando par do reino um dos baccirrabos de João Franco, e signatario do infamissimo decreto de 31 de janeiro de 1908, esse coxo do senso moral — Malheiro Reimão.

* * *

Uma tarde que eu passeava com Guerra Junqueiro, pintando-lhe as minhas extranhezas por um senhor Coisa que devia andar homisiado, regressar ás filas politicas, me elle disse :

— «Escorje as suas illusões. Em Portugal nada ha que baste a matar um politico. Estenda qualquer delles no pó da estrada; corra-lhe por cima com um cilindro de calcar brita. Deixou-o espremido e chato como um linguado saido das tampas duma prensa hydraulica. Nisto sopra um pé de vento. E ahi temos o nosso homem, de sobrecasaca enfunada, ventre de lua cheia, bôca velhaqueando risos, a trotar como um potro pelos mais altos cargos publicos.»

«Por isso é que o vocabulo francês — *parvenir* — nada prova. Tanto a aguia como o reptil alcançam as cumeadas de maior altitude.»

A cada cotovelo da nossa historia contemporanea, verifico a exatidão do conceito.

Que significava o decreto de 31 de Janeiro? Quasi nada. Apenas o exilio, o degredo, o carcere, a morte nas possessões ultramarinas, para os mais árdidos adversarios da ditadura. Se alguns por cá se quedassem, e que de suas profissões liberaes — advogados, medicos, professores, etc. — ganhassem o pão para a familia, o decreto lhes impedia taes profissões exercerem. Morreriam desse vulgarissimo accidente — a fome!

Dum salto volvíamos á epoca do Terror miguelino. Depois da queda do regimen absolutista, nem mesmo no periodo da ditadura de Costa Cabral, nunca se vira tamanha crueldade. Era um documento assassino, por sete assassinos firmado. Teles Jordão, ao conhecer o successo nas profundas dos infernos, havia de estalar o fado, repenicando umbigadas batidas contra o encacho do diabo mais velho.

Nas prisões de Lisboa jazia para além duma centena de presos. E dias depois da fuga do bandido-chefe, e da morte do Rei que rematava as ladravices regias com vestir a simarra de carrasco, o *Petit Parisien* assegurava á Europa que o ditador somente prometia a liquidação de 300 agitadores!

Na hora do perigo, as sete gazúas com que o rei forçara os cofres da nação, caídas na lama, do lôdo se não ergueram. Fugiram uns, e outros se engrunhiram pelos esgotos cloacinos.

As vozes da imprensa soaram rijo. Ninguem os poupou, ninguem os defendeu. Ensarneceram-nos de vaias. Amaldiçoaram-nos, como os kalmukos maldizem dos cães tinhosos. Basculharam-nos do convívio social. Sevandijaram-nos como de justiça era.

Dos sete, sequer um não houve com rompante de desafronta. Encolhidos, submissos, prostrados, imitavam os leprosos antigos que não bebiam sorvo nas fontes, só do adro das igrejas podiam lobrigar os ciriaes do santuario, e na escudela de barro recebiam tantas codeas de pão negro como pedradas, tantos restos de vianda como escarros.

O outro, o patrão, na peregrina inconsciencia da sua irresponsabilidade, encerrou-se em seus principescos dominios d'Italia, e lá se en vaidava porque o jornalismo mundial, faminto de informações, lhe batia á porta na ancia d'esfarrapar um tiranete.

* * *

Vão dois annos sobre os episodios. Malheiro Reimão julga que o pousio não rende, e que a hora soara de vender a sua eloquencia de confeitaria, mais a sua experiencia da sem-vergonha.

Fôra carregão dum opressor? Tornava-se servo do liberalismo. Não pudera estrangular os dissidentes? Com elles partilhava do poder. A onda republicana que elle quiz sufocar galgava todos os diques? Pois metia-se a sustentaculo do governo que braceja por conquistar a benevolencia dos republicanos.

Na camara dos pares acaso se acotovele com o snr. José d'Alpoim que teve de se refugiar em Espanha, e com o sr. João Pinto dos Santos que elle meteu na enxovia. Pouco importa. Todos se ligam para dar a este paiz uma caiadela de liberdades.

Os murros que o sr. João Pinto dos Santos despediu nessa dejeção que ha nome de Martins de Carvalho, serão para elle Malheiro, jasmims, amores-perfeitos e miosotis. Quando o sr. Alpoim, em discursos impetuosos atacar as ditaduras e rememorar Carlos Stuart morto no cadafalso, Luiz XVI no cadafalso morto, Alexandre da Servia varado pelos officiaes do exercito, Malheiro Reimão, aproveitando ensejo de levar um copo d'agua ao orador, sussurrar-lhe-á a meio tom, com o sorriso doce de quem aponta um descuido:

— «Olhe que esquece o rei Carlos de Portugal...»

Na ocasião em que o conde d'Arnosso requerer pela vez centesima a lapide expiatoria — contraditá-lo-á Malheiro Reimão. E ainda será elle que responda ao aguarentado Beirão, o liberal d'antes quebrar que torcer e que por isso mesmo quebrou todo o seu passado, quando este assaltar o ministerio por motivo da dosimetrica amnistia.

De maneira que...

* * *

De maneira que digno par!... digna camara!... digno governo!... e digno rei!... Malheiro Reimão a todos dignifica!

Professava Bismarck a maxima: — «Ser fiel aos principios é um erro em politica, como erro seja na especie canina a fidelidade ao dono.» Que faria se Bismarck em vez de igualar comparanças na cachorrada, pescasse imagens entre os reptis!...

.....

Ah! Gavarni, Gavarui! admiravel caricaturista! que excelente traficante darias no balcão comercial! Comprar os Malheiros Reimões pela sua real valia — a vintem a duzia! Escambá-los seguidamente pela estimativa que elles se atribuem — contos de reis por focinho! Que pechincha! Que de burras empanzinadas d'oiro! E abrir tenda n'Alijó! Que saida de rezes!...

Naquelle tempo...

Anti-clericaes de 1901. — O "Vaticano,, do Bolhão. — O "Quirinal,, de Sá da Bandeira. — 3 × 9. — Enterro de cão.

Naquelle tempo nascera a grande *Comissão Central Anti-jesuitica*, a qual houve má vida, peor morte e paixão de amargoso choro, consoante vos vou narrar. Por alma della, padre-nosso, ave-maria...

Foi no gume do caso Calmon, occorrença banal, coetanea e parente do processo Ubaio de Madrid, e que tão enfuriado alvoroço assoprou na nossa terra. Tumultos na rua, espadeiradas da policia, granizo de calhaus sobre os conventos. Nas vilas e cidades provincianas remendavam-se comissões liberaes, e por'môr da liberdade saíram a campo fanfarras sertanejas bufando em trombones descompostos, e gentes de avultado peso, fêre-folhas esbravecidos, dissipavam nos espirros da retorica seus escaldeamentos contra a fradalhada.

De lez a lez o povo portugûês mostrava geitos de vida. Forte comoção nervosa o despertara da modorra. E assim a prova se renovava de ser a *questão religiosa* admiravel plataforma para uma agitação nacional.

Então, aqui no Porto, a farinha flor da industria, do commercio e do banco, amassou-se num empadão liberalengo. Cavalheiros de burras atochadas, que educavam os filhos nos

colegios jesuiticos, pediam fritura de jesuitas e *purée* de doroteias. Mesarios d'irmandades faziam dos balandraus das procissões, estandartes anti-clericaes.

Ninguem lhes cometera o mandato de em nome da cidade falarem, mas em todos os cantarejos do seu liberalismo, insistiam elles: - « O Porto quer... o Porto diz... o Porto exige... »

* * *

Honra lhes seja. Labutaram como negros! Ourinavam sem esguardos representações, telegramas e abaixo-assinados. E como o pensador de mais fuste daquella roda era o lirico sr. Antero d'Araujo, as ideias que poseram em pratica vestiam todas ao bisarro.

Um dia, em processional enfiada de carruagens, endireitaram aos paços da Sé p'ra salivarem o anel do bispo! Noutra semana meteram a Lisbôa a humedecer a mão ao Rei. Incharam-lhes os beiços de tanto chupão na mitra, no scetro, e na Liberdade, — garbosa pequena a quem ofereciam mobilar casa.

No entremeio das caminhadas concorriam aos saraus do Vaticano do Bolhão, ouviam missa, subscreviam para as tunicas bordadas do Senhor dos Passos, protegiam as *irmãsinhas*, e ao saberem que havia coio com mais tres vidraças esmigalhadas, resmuncavam: — « O povo precisa de religião. A religião é um freio ».

Não conheço episodio mais grotesco na luta contra o anti-clericalismo, nem paiz em que o comico espetaculo fôra possivel sem os actores levarem corrida a talos de couve, cascas de batata e melão podre.

Nisto vem o decreto de 18 d'abril de 1901, revisto na Nunciatura e em Campolide. Ha concilio no Vaticano do Bolhão. A maioria dos prelados leigos declaram-se satisfeitos. Apenas dois ou tres homens se erguem a protestar. O resto da assembleia escôa-se a cascavel surdido. Tres pás de terra sobre a sua memoria. *Amen.*

* * *

Ora o partido republicano do Porto assistia ás peripecias sem mover um dêdo. Aguardava o falhanço da illustre corporação dos dinheirosos. Porém, durante esses compassos d'espera, o incendio anti-jesuitico que fôra lume de figueira verde, quasi sómente fumegava, e poucas faúlhas viviam nas cinzas.

Ao decreto de 18 d'abril já não correspondeu choque algum. Os nucleos liberaes que haviam surgido em terras da provincia, dispersavam sem ao menos um viva ás liberdades perdidas.

O partido republicano do Porto votou, então, nas suas comissões paroquiaes, cento e tantos nomes de individualidades de destaque na cidade, que assim formariam a *Grande Comissão Central Anti-jesuitica*. Medicos, advogados, professores, engenheiros, pharmaceuticos, comerciantes, industriaes, estudantes, operarios, jornalistas, e delegados de varias corporações. Sob o ponto de vista politico, todos os partidos e todos os matizes, caminhando dos conservadores e indiferentes até aos libertarios, ali se acasalavam.

Desde o começo, (poisavamos na rua de Sá da Bandeira) a heterogeneidade da composição destinava seus esforços — se alguns empregasse — ao insucesso. Só as minorias homogeneas ardendo na mesma fé conseguem empreendimentos audaciosos. Pode dizer-se que dentro da *Grande Comissão* ninguem se entendia, e que o publico já cansado considerava aquillo como uma madurêsa.

Da *Grande Comissão* brotara uma filha, que se chamava *Comissão delegada*, a qual por seu turno se subdividira noutras complicadas e misteriosas organizações, sem objectivo algum.

Começa nesta altura a desastrosa paixão dos delegados. Duas noites por semana reuniamos, com sessões demoradas quando se obtinha numero para funcionar, e ao redôr d'ampla mesa grelavamos os respetivos toitiços.

De nós se não importava a cidade; eeo não topavamos cá fôra. Creio mesmo que não havia quem soletrasse as notas officaes que á imprensa comunicavamos.

Assim como os irreverentes motejavam o *Vaticano* do Bo-

lhão, assim já nos alcunhavam de *Quirinal* de Sá da Bandeira. No *Popular*, Mariano de Carvalho alfinetava-nos desalmadamente. E nós, com paciência bolandista, duas vezes semanaes suportavamos a tortura. Cada qual buscava pretexto para retirar-se.

Os outros, ao faro da fuga, refileavam, e quasi que se requeria policia na cóla do suspeito.

E como se havia de expulsar o jesuita? Alguem alvitrou um congresso de camaras municipaes, enquanto segundo opinava pela creação duma Universidade tecnica, na qual se creassem bons picheleiros e optimos industriaes de folha branca! Trazia este á balha a reforma geral do ensino secundario, um quarto batalhava pelas leis concordatarias, havendo outros que preferiam a expulsão das missões religiosas de todas as colonias.

Sobre qualquer dos temas renhiamos horas, ou o tempo se occupava elegendo comissões de propaganda por escrutinio secreto, com todos os matadores eleitoraes, e tiras de papel gravemente deitadas na copa dum chapéu alto.

Para as ultimas sessões, uma só preocupação nos ensombrou os animos:—arranjar uma bôa saída. Continuavamos ainda, por habito, a estraçoar jesuitas. Mas nos olhares de cada um de nós lia-se a obsessão do desembarque.

Por fim achou-se. Cerziram-se umas tantas reclamações aos poderes publicos, que deviam ser aprovadas e secundadas pela assembleia geral. Esta que se convocasse. E nós lhe entregariamos o mandato d'impotencia que nos haviam confiado.

As pessoas competentes que deviam firmar a convocatoria, nada assinaram. A muito custo, uns dois, vexados por aquelle enterro fóra d'horas e em segredo, batemos á porta de varios membros da *Grande Comissão* e conseguimos que dez garatujassem o nome por baixo do aviso, marcando-se a reunião no antigo Salão da Porta do Sol, p'rás tantas da noite.

* * *

Ao praso dado, frias goladas de chuva cantavam sobre o

lagedo das ruas. Lufadas de vento esfrançasavam as cordas d'agua. Todo o ceu negro qual roupeta de jesuita.

Eu e o meu companheiro penetrámos no salão. Um empregado melancolico assobiava um tarambote sevilhano, e acendia, como o sacristão pega lume á banquetta do altar, as tulipas de vidro onde o gaz ronronava. Passeámos ao longo das galerias, aborrecidos e silenciosos, escutando o rufar das pingas que cresciam em largura contra os vidros.

Corrêra uma hora, estavamos cansados do passeio e da solidão. Nem viv'alma surdira, e o homem do gaz, olhando-nos maliciosamente, de costas apegadas a uma columna, cantarolava :

Ora vae tu,
Ora vae tu,
Ora vae, vae . . .

— «Apague» — ordenámos — «e tranque as portadas.»

A' saída reбуçamos o pescoço na gola do casaco. Encaramos os rosarios de gotas que as nuvens golfavam, pedindo ao milagroso Santo Inacio de Loiola que nos poupasse a molhadela. E mutuamente filosofamos : — «Sempre somos uns asnos !...»

Foi o derradeiro puxo da Grande Commissão Anti-jesuitica de 1901. Por sua alma, padre nosso... ave-maria...

A brecha da Porta Pia

(Recordações historicas)

A tomada de Roma. — Garibaldi. — Pio IX e o cardeal Antonelli. — O conde de San-Martino. — Uma carta celebre de Vitor Manuel. — As chaves do Quirinal.

Hoje, 20 de setembro, ao abancar sobre as tiras de papel, recordo-me que se perfazem exatamente trinta annos que as

tropas de Vitor Manuel tomaram d'assalto Roma, arrancando a Pio IX o derradeiro reduto da opressão pontifical que sobre a Italia pesava. Acabava assim o dominio temporal dos papas. Se agora em Portugal e Espanha o clericalismo ergue a monstruosa cabeça, não vem descabido memorar o mais audacioso acto anti-clerical do seculo XIX, por um rei catolico praticado contra o chefe supremo do catolicismo.

E não choveu dos ceos pez nem enxofre, não flamejou nas noites a espada ignivoma do Senhor, nem as italianas abortaram vitelos nem a peste dizimou os exercitos da casa de Saboia.

* * *

Uma grande figura que assombra o mundo moderno, talhada nos moldes da aventura e da tragedia antigas, produziu nas entranhas da Europa o arripio da admiração — Garibaldi. Até á sua morte conservou a força imortal da paixão com que serviu as patrias ameaçadas e as liberdades dos povos.

Ditador do reino de Napoles, com a singeleza dum velho romano entregou a Vitor Manuel o reino que conquistara. Mas em breve, arrojando-se pela estrada de Palermo, proferiu o grito que foi lume e ferro em fusão: — «Roma ou a morte.»

O papa, o soberano mais absoluto d'então, que reinava e governava, nem mesmo para os naturaes de Roma, representava mais que um principe intruso. A patria era a Italia. «O papa não é uma patria; o papa não é a Italia» — escrevia dez annos antes Edmond About.

Um tropel de mercenarios e voluntarios estrangeiros o defendia. Generaes extranhos, Kanzler, Lamoricière, Pimodan comandavam. Um prelado servia de ministro da guerra. A' testa da governação, o cardeal secretario d'estado José Antonelli, que o barão d'Arnin chamava «uma grande incapacidade desconhecida.»

* * *

Nesse quartel do seculo, Pio IX, immobilizado no *Syllabus*

e no acume da jerarquia, já ao mundo catolico se apresentava na sua função de martir. O rosto que fôra belo e dum puro olhar de safira carregada, enrugara-se nos vincos duma anciedade dolorosa.

A par delle, em contraste, o cardeal Antonelli, da côr do limão melado, conservara inalteravelmente a mascara citrina contraída num perpetuo sorriso que nada exprimia. De chofre que o salteasse o mais extraordinario acontecimento, jámais se enevoara d'espanto. Erecto na sotaina de purpura, semelharia estela de granito vermelho dum museu, se o fulgir dos olhos verdes lhe não traisse o vigor do espirito.

Porém, já aquella mesma chama sempre igual e o olhar pregado em distante e fixo ponto, quasi não tinham significação.

Meados de setembro de 1870, o cardeal secretario anuncia ao Pontifice a chegada do conde de San-Martino, embaixador de Vitor Manuel. Era elle um diplomata curtido em todas as artes do officio, discreto nas falas, e tão suave, tão suave de maneiras, gesto e presença, que diria as coisas mais desagradaveis, com os ares mysticos dum santo descrevendo visões celestiaes.

Quando entrou no Vaticano trazia comsigo uma das mais extravagantes cartas que jámais embaixador levou a um soberano. Era a petição dum rei catolico ao papa catolicissimo, cheia de respeito e tresandando todos os perfumes da veneração, para que lhe deixasse tomar Roma, despojando-o do resto dos seus estados!

Entre catolicos fervorosos, que d'extranhar?

Ahi vae amostra:

« Vejo a inelutavel necessidade, para segurança da Italia e da Santa-Sé, de que as nossas tropas, ás quaes já se confiou a guarda das fronteiras, avancem e ocupem as posições de Roma indispensaveis á segurança de Vossa Santidade e á manutenção da ordem.

« Por certo Vossa Santidade não considerará como acto d'hostilidade esta medida de precaução. . .

« Rogo a Vossa Santidade que se digne conceder-me a sua benção apostolica... etc. »

* * *

Modêlo acabado! E com a assinatura do catolico monarca da Italia catolica, ao representante de Cristo na terra! Pedia-lhe a benção e... o reino!

E barafustam os reacionarios que se vae perdendo a religião, e que os tempos idos é que eram de fé viva! Está visto! Agora o Rei Fidelissimo apenas beija a mão ao Nuncio, e o Nuncio contrabandeia em setinetas, provavelmente para fabrica^r opas aos juizes do Santissimo de Mafra.

Pio IX leu a carta assentado no trono. Em frente delle, humilde, posto de joelhos, o conde de San-Martino murmurava os seus protestos d'estima. De impulso, o Pontifice ergueu-se. Ao embaixador, um tudo-nada desaprumado, estas palavras arremessou:

— « Raça de viboras. »

Frase cristã dum Papa cristão a um cristão soberano.

E retirou-se. Instantes corridos acercou-se Antonelli do conde que ajoelhado, continuava no seu lugar, quem sabe se pedindo indulgencia plenaria para os soldados de Vitor Manuel que morressem no assalto á cidade. Comunicou-lhe o cardeal que a resposta seria, igualmente, por carta direta, remetida ao rei.

Vitor Manuel não se quedou em delongas, nem esperou replica. Invadiu immediatamente os territorios papalinos. Uma vez mais enviou ao Vaticano o conde prevenir Pio IX de que Roma seria tomada a 20 de setembro.

Deu o Papa ordem ao general Kanzler para que a resistencia se limitasse a um protesto comprovativo da violencia. A 20 de setembro, a artilharia de Cadorna abria a brecha da Porta Pia. Por ahi penetraram as tropas italianas. Findara o o poder temporal dos papas. Estava libertada a Italia do mais intolerante dos despotismos.

* * *

Refere Jean de Bonnefon, escritor hoje considerado o mais conhecedor das intimidades da Curia, a anedota suplementar que trasladamos:

«Os italianos estavam em Roma: Ia Vitor Manoel instalar-se nos aposentos pontificaes no Quirinal, como em Napoles já dormira no leito dos Borbons, e em Florença nos dos seus parentes mais chegados.

«Mas Vitor Manuel pecava de supersticioso. Desagradava-lhe entrar, fraturando as portas, no palacio onde ia organizar a nova monarchia. Ora Pio IX ordenara que tudo se fechasse no Quirinal e guardou as macissas chaves.

«Ousou o conde San-Martino pedir-lhas.

«Pio IX abriu uma gaveta, chocalhou-as, e respondeu simplesmente:

«— Desde quando é que os ladrões precisam de chaves para abrir portaes?

«Chamaram então o serralheiro Campanna, e tornou-se o Quirinal paço régio como Roma capital da Italia.»

Porém o rei da Italia continua a ser catolico, e os outros reis catolicos a com elle manterem estreitas relações. Somente o Papa que já não tem que cuidar no governo dos seus estados, intromete-se a governar os alheios, e como já não tem territorios a defender, gasta o tempo na defensão dos bens dos frades.

Donde se conclue que nos paizes catolicos é mister repetir a brecha da Porta Pia.

Um fim de raça

A promessa de Mafra. — D. Carlos e o seu herdeiro. — Período á bica. — D. Fernando, D. Sebastião e a aprendizagem de D. Manuel.

Sua Magestade ouviu-as bonitas! Só por se haver emboldriado num sambenito da confraria do Santissimo!

Romperam os aloques á Historia e remexeram-lhe as memorias da familia. Boiaram na letra redonda a queda de D. João V para as procissões, as freiras, e a patriarcal; a inclinação de D. Afonso VI para as corridas e espancamentos noturnos; o amor de D. José para os piões feitos ao torno, e a freima de D. João VI para o rapé, os frangos, o cantochão, e de contrapeso os dois versos de Junqueiro:

A mulher uma cabra; os filhos um veneno;
Sustos; o hemorroidal, vê lá, desde pequeno!

Injustiças sobre injustiças! Sua Majestade, eclesiasticamente sabedor de como as coisas se passam na religião em que o batisaram, em fartura de devocionarios tosquenejou a forma de se conseguirem graças do altissimo.

Fazem-se-lhe promessas. Por exemplo: uma romaria com sete voltas de rojo ao tabernaculo, um dedinho de cêra, umas telhas roubadas ao telhado do visinho como se usa na Beira para o S. Torquato, etc. Referem viajantes de bôa nota que no templo do Loreto, famoso na Italia, um camponez rico, curado dum tumor ahi pelas alturas dos fundilhos, mandou fundir em prata tão delicada e carnuda região anatomica, e dependurou o ex-voto numa das paredes do santuario!

Ora a jornada de Mafra com Sua Magestade atraz do palio, entre rôlos d'incenso, roncões d'abades, e arrotos da charanga local, não era mais que o cumprimento de promessa jurada.

Sua Magestade, se o Nosso Pae lhe conceder noiva, obriga-se a correr todas as irmandades da nossa terra atraz de todas as

festas d'orago. E se ainda assim não apparecer princesa europeia que se arrisque a jogar a flor de laranjeira, Sua Magestade mandará a S. Gonçalo d'Amarante o peso em fava do conselho d'Estado, ou o peso em obrigações do Credito Predial do conselheiro José Luciano.

Mas porque se não ensaia o sistema dos anuncios: — «Jovem, simpatico, em posição invejavel posto que mal garantida, deseja casar-se com donzela trigueira ou loira, que pela sua fortuna pessoal no estrangeiro lhe assegure lá fora passadio regular. Seriedade e discrição. Carta ao sacrista de Mafra.»

* * *

E' justo que a dinastia de Bragança finde por um juiz de confraria. E' uma raça que acaba em pavio de cera benzida.

D. Carlos como fim de casta, nada tinha de banal. Inteligente, orgulhoso, despotico, fanfarrão, dissipador, ingrato, devasso, amassado em vaidades e despresos, isento de preconceitos, com pronunciadas aptidões artisticas, tendo da psicologia colectiva do seu povo a noção de que tudo era subserviencia e cortezanismo, pontuou tragicamente uma vida de prazeres. Nelle se fundiam os vicios e qualidades dos seus antepassados, sem que a infusão de sangue germanico lhe desse mais que o aspecto exterior de principe alemão.

Porém destacava. Nem pela sua estrutura moral, nem por seus dotes intelétuaes, nem pelo seu feitio de *jouisseur* sem escrúpulos, nem pelo seu viver, constituia uma figura apagada de retabulo de capela, que se esvaisse na penumbra dum côro.

Sua Majestade, bem ao contrario, mergulha perfeitamente nas meias sombras dos nichos das basilicas. Traz bentinhos ao pescoço, delicia-se entre os saiotes violetas dos bispos, mete-se nos prestitos religiosos, e talvez que sua maior ventura consista em servir d'anjinho á frente dum andor, com malha de seda branca e duas azas de cisne a baterem-lhe as omoplatas esquinudas.

Por emquanto, nos programas do governo da camarilha pa-

laciona de beatas e reacionarios, não consta que exista o terço obrigatorio, resado ao toque das ave-marias á porta das ruas, como d'antes as gentes de Braga faziam. Mas, mal se implante a ditadura militar, teremos o bilhete da desobriga em vez da carta d'eleitor, a bula da Santa Cruzada em lugar do código civil, os concilios substituindo o parlamento, e os bispos de Beja e da Guarda a inspecionar as guardas municipaes.

O formoso D. Fernando I foi um fim de raça, doidivanas, diletante, folgazão. Alma feminina, imperante desastrado, mas legislador de acertada sabedoria.

D. Sebastião — o fecho louco, ardente, nobre e generoso, dum periodo tão doidamente febril, que hoje nos parece logico, irremediavel e fatal o crepusculo de sangue de Alcacer Quebir. Mostram-se os dois soberanos invulgares nas suas aventuras, nos azares da vida, e nos genios diversos que os animam.

E' que ambos tinham ascendencia de heroes e de grandes reis. A geração saída d'Afonso Henriquez ou de João I, mesmo nos ramos já degenerados conservava gotas da primitiva e fecunda seiva. Quaes os heroes e os reis constructores dos Braganças? Que nos legaram elles senão o Portugal jesuita, com a Imaculada Conceição de padroeira? Numa repulsa necessaria, em 1834, varreu-se a fradaria. Marchava-se ao arripio da corrente brigantina, não podia por conseguinte subir-se largo tempo pelo veio d'agua arriba.

Actualmente, sim. Actualmente nos encontramos em pleno na tradição bragança, que a unção orleanista vivifica. «Somos entrados no paiz da santimonia» — escrevia Alexandre de Gusmão no reinado de D. João V, quando El-Rei, por cima de todas as pompas e galas, collocava a honra inextimavel de ser irmão de S. Francisco.

Pois no «paiz da santimonia» seguimos. A opa é o simbolo da realza. Os rosarios andam á cinta do marechal-general. E' acertado. Sua Majestade faz tirocinio para acabar como lhe cumpre — andador das almas.

